

Igreja, mulher e moda combinam?: as influências da moda no cotidiano das Associações Religiosas Laicas da Igreja Católica em Ribeirão Preto na Primeira metade do século XX.

LETICIA RICCI APARICIO DE CARVALHO*

Em fins do século XIX e meados do século XX, a História das mulheres é marcada pelo estabelecimento da ordem patriarcal que – auxiliada por alguns preceitos da Religião Católica – provocou o silenciamento feminino na maioria das esferas sociais. As mulheres eram subordinadas e dependentes do pai ou do marido, consideradas propriedades dos homens e por eles caladas.

As mulheres, como indivíduos participantes do processo histórico foram ignoradas pela historiografia durante muito tempo. Essa invisibilidade se deu tanto pela carência de fontes, pois as mulheres tinham acesso restrito à escrita e lhes foi reservado o espaço da vida privada como de seu domínio, enquanto aos homens coube o da vida pública.

Desde menina era ensinada a ser uma “boa mãe” e “uma esposa exemplar”, sua educação compreendia aprender a cozinhar, bordar, costurar, ler e escrever, ou seja, atividades que lhe permitiam transitar no espaço da casa com desenvoltura. Carregava o estigma da feminilidade e da fragilidade, portanto, tinha que ser resguardada de certas coisas, como por exemplo, o espaço público:

Na partilha entre a família e a cidade, só o homem circula entre as duas. Ele pode assim dissociar em si mesmo a universalidade, da sua cidadania, da sua singularidade, do seu desejo, e beneficiar desse da realização das duas: aí se encontra uma liberdade, um reconhecimento de si mesmo a que a mulher não tem acesso. Ela possui apenas a universalidade da sua situação familiar (esposa, mãe), sem possuir a singularidade do seu desejo. Por fim, na dialética entre a família e a cidade, esta última sob o nome de comunidade, funda-se numa repressão positiva da feminilidade que não poderia, no entanto desaparecer, a feminilidade torna-se a “eterna ironia da comunidade”. (FRAISSE; PERROT, 1991: 63)

Durante um bom tempo, estudar temas como moda, mulher, família, sexualidade, eram considerados assuntos frívolos e bem distantes do universo dos historiadores. A partir destes desdobramentos, “muito se escreveu sobre a dificuldade de se construir a

* Graduada em Moda pelo Centro Universitário Moura Lacerda; Licenciada em História pelo Centro Universitário Barão de Mauá; Pós-graduada em História Cultura e Sociedade - Centro Universitário Barão de Mauá.

história das mulheres, mascaradas que eram pela fala dos homens e ausentes que estavam no cenário histórico”. (PRIORI, 2008: 8)

No entanto, a Nova História (a terceira geração dos *Annales*) amplia os campos de pesquisa, o que favorece novos objetos de estudo. Joan Scott salienta essa importância afirmando que a “maior parte da história das mulheres tem buscado de alguma forma incluí-las como objetos de estudo, sujeitos da história.

As transformações trazidas pelo advento da modernidade começaram a delinear-se no Brasil em fins do século XIX e início do século XX. A instauração da República, dentre outros acontecimentos, trazia consigo inúmeras perspectivas e mudanças. Magali Engel acredita que esses novos tempos impunham a criação e a prática de novas estratégias de disciplinarização e de repressão dos corpos e mentes, permeados por novos padrões de moralidade para os comportamentos afetivos, sexuais e sociais:

[...]O advento da República anunciava o começo de um tempo marcado pelo redimensionamento das políticas de controle social, cuja rigidez e abrangência foram produzidas pelo reconhecimento e legitimidade dos parâmetros burgueses definidores da ordem, do progresso, da modernidade e da civilização. (ENGEL, 2008: 322)

A modernização proporcionou novas noções de “tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida”, aos quais Berman atribuiu um “perpétuo estado de vir-a-ser. Ser moderno é, portanto, fazer parte de um universo onde tudo que é sólido desmancha no ar”. (BERMAN, 1986: 17)

A moda feminina desempenha um papel fundamental nesse cenário em transformação. Ao abordar o tema moda, Gilberto Freyre já chamava a atenção para o fato de ela ser “[...] antropológica, psicológica, sociológica, estética e eticamente complexo” (FREYRE, 1997: 28). Nesse sentido, Miqueli Michetti acredita que:

[...] a moda é mais que uma atividade econômica produtora de artigos de vestuário e adornos. Também não se define somente enquanto instituição dotada de um ritmo sistemático influente na aparência de indivíduos e grupos [...] Diante disso, a moda rompe com o preconceito academicista e ganha espaço no rol de objetos de estudo a serem priorizados com vistas ao entendimento do presente histórico. (MICHETTI, 2006, p.16)

As roupas enquanto artefatos criam comportamentos, pois têm a capacidade de impor certas identidades sociais, e também permitem que as pessoas afirmem tais identidades.

Georg Simmel é considerado um dos pensadores clássicos sobre a moda, para analisar esse fenômeno, “parte de princípios antagônicos” que considera existente no ser

humano: por um lado, têm-se a busca humana por segurança, coesão social e estabilidade. Por outro, há o desejo pelo mutável, pela distinção e pelo novo. Nesse contexto, a moda passa a ser significativa porque, dotada ao mesmo tempo de um conteúdo em constante transformação e de caráter classista e distintivo, ela seria capaz de satisfazer tanto a necessidade de aprovação social – na medida em que ela prevê a imitação e “conduz o indivíduo às trilhas que todos seguem” – quanto a necessidade de diferenciação individual bem como a tendência à mudança. (SIMMEL, 1998: 20)

Podemos considerar, portanto, o século XIX o século da modernidade, é o século da industrialização, das revoluções políticas e econômicas, da urbanização, das massas. E a moda não poderia ter se desenvolvido noutro contexto.

Diane Crane afirma “que o vestuário pode revelar não apenas a classe social e o gênero, mas também a afiliação religiosa, bem como outras informações significativas” (CRANE, 2006: 25). Contudo, em alguns espaços públicos as pessoas – em específico, as mulheres – deviam apresentar-se de acordo com regras “pré-estabelecidas”, como era o caso das Igrejas.

[...] Segundo Gênesis, foi por causa da mulher – Eva que dor e o sofrimento ingressaram no mundo. É preciso impor-lhe o silêncio. “Uma mulher não deve falar nas assembleias”, diz São Paulo na Epístola aos Coríntios. Os padres da igreja rejeitam a sexualidade e a carne como impuras e corruptoras [...] A mulher é assimilada ao pecado: uma tentadora [...] o véu é adotado pelo cristianismo como marca do pudor feminino e tomado obrigatório para as religiosas, consagradas à virgindade. [...] o véu tem uma história mais longa e um significado muito mais vasto: é o instrumento e o símbolo da invisibilidade e do silêncio impostos às mulheres em virtude do perigo que se crê que elas representam. (PERROT, 2003: 21)

Podemos dizer, portanto, que a natureza do espaço público influenciava a maneira como as pessoas usavam suas roupas e se portavam, ora expressando suas identidades, ora fazendo declarações subversivas. Desta forma, a moda significaria por um lado, o pertencimento em relação aos que estão na mesma situação social e, por outro, o distanciamento de outros grupos. Sua essência estaria, então, na procura do estabelecimento do compromisso entre os dois traços psicológicos, a saber, entre a tendência à integração social e a tendência à distinção individual.

Tudo leva a crer que a moda estava presente no cotidiano feminino em Ribeirão Preto – cujos hábitos a partir da Primeira República modificaram – passou a ser um espaço social receptivo às modas europeias. A Ferrovia Mogiana possuía uma rede de

ligações ferroviárias entre os distritos – culminava no porto de Santos, cuja estreita ligação facilitava o intercâmbio das novidades trazidas da Europa.

As mulheres ribeirãopretanas que atestaram a passagem do século XIX para o XX, vivenciaram todas as modificações no campo político, econômico e até mesmo na adoção de hábitos urbanos proporcionados pela cultura cafeeira.

Ribeirão Preto, neste momento constituía um polo importantíssimo na urbanização das cidades interioranas e receptoras das novidades europeias. Corroborando com esta informação, Diane Crane afirma que no século XIX, a moda vinha em grande parte de uma única origem: Paris. Acontecia a certa altura de importarem-se da França enxovais inteiros de casamentos e batizados. As modas de cores de vestidos, de enfeites de chapéus, de espartilhos, de penteados, eram seguidas pelas mulheres da “alta sociedade cafeeira”.

Ao começar a frequentar o *Cassino Antarctica*, os homens ribeirão-pretanos tinham condições suficientes tanto para atender aos luxos franceses de suas esposas – que representavam para eles certa importância – quanto para sustentar suas amantes e fazê-las também portar o mesmo luxo. Ribeirão Preto não fugia à regra, após tornar-se palco da “europeização” de seus territórios e de seus habitantes, passa por todas essas modificações no âmbito das relações sociais, e a moda era a atriz principal.

Um elemento fundamental para a difusão da moda entre os membros da elite eram os manuais de etiqueta e civilidade. Por aqui, a difusão de tais novidades e dos estabelecimentos comerciais que as comercializavam, eram propostas pelos jornais e revistas que circulavam na cidade. Tais como: *Jornal A Cidade*, *Jornal O diário de notícias*, *Revista Nosso Século*, *O Cruzeiro*, *L'Illustration*, dentre outros.

O saber se portar em público era muito importante para essas mulheres, e a educação constituía um importante papel nessa sociedade ávida por civilizar-se. Os ricos fazendeiros investiam na educação de seus filhos, que iam estudar na Europa, e filhas, voltada para o ensino religioso e para a valorização dos hábitos franceses:

As filhas dos prósperos fazendeiros eram educadas com base principalmente nos modelos fornecidos pelos internatos religiosos de São Paulo (como o Des Oiseaux e Nossa Senhora de Sion), ou de algumas cidades do interior, como Itu e Franca. As famílias mais modernas arriscavam eventualmente, confiar a educação de suas filhas a colégios públicos e mistos, como o Caetano de Campos, em São Paulo. Algumas nem frequentavam os colégios,

eram educadas em casa por professoras particulares francesas ou alemãs. Mesmo as que iam à escola, tinham sua educação complementada com aulas de música, literatura, poesia, outros idiomas, tomadas em casa. (VAZ, 1995:128)

Após a Proclamação da República brasileira em 1889, o governo provisório que assumiu o poder decretou uma série de medidas, dentre as quais de destacou a lei da separação entre Igreja e Estado. Sendo assim, a religião católica deixou de ser a religião oficial, e passou a ser somente a religião nacional. Dessa forma, não tinha mais obrigações com o poder civil, o qual a havia deixado de lado.

Foi com o decreto nº 119 A, autoria de Rui Barbosa, de 7 de janeiro de 1890, a base da separação, que mostrava como o Estado deveria se comportar de agora em diante em face às questões religiosas, que determinava a separação total. Após esse decreto a Igreja se preocupou em se posicionar e buscar os fiéis católicos a fim de conquistar um lugar para o catolicismo nos espaços oficiais. Isto quer dizer que o Estado instituiu por meio da criação de cartórios, o casamento civil, a certidão de nascimento, óbito e a secularização dos cemitérios, pois, até então todos os registros eram realizados pela Igreja. (SILVA, 2007: 15)

No entanto, no final do século XIX e início do século XX, alguns países estavam passando por um processo de modernização em várias áreas distintas. A Modernidade trazia o progresso, a tecnologia, a expansão econômica, novos hábitos, novas correntes filosóficas (positivismo, evolucionismo, cientificismo materialista, agnosticismo), o liberalismo no campo político, dentre outras mudanças significativas. Como os católicos iriam se adaptar a esse novo ambiente?

O historiador Ivan Aparecido Manoel ao abordar o aparente enfraquecimento da Igreja Católica perante a sociedade moderna aborda as seguintes questões:

[...] se é verdade que os avanços científicos na astronomia, na geologia, na biologia etc. conjugados aos avanços da tecnologia levaram os mitos do cristianismo a um verdadeiro colapso (contra o qual a Igreja do século XIX lutou desesperadamente), não é menos verdadeiro que séculos de predomínio do cristianismo, em sua vertente católica, moldaram, em grande parte, a forma ocidental de pensar. Essa tensão dialética entre o sagrado e o profano estará presente nas filosofias da história: de um lado a filosofia cristã-católica, que aponta a eternidade como referência, mas sabe que a história se dá na temporalidade, temporalidade que ela rejeita e pretende transformar; de outro, as filosofias leigas, que, embora trazendo a história para dentro da temporalidade, sabem que o solo onde vicejam está fertilizado pela herança cristã-católica, herança que rejeitam e que querem a todo custo minimizar. (MANOEL, 2004: 24-25)

Uma condição imprescindível para o surgimento de um povoado era a existência de uma Igreja. Para que isso ocorresse, era necessário doar terras para o patrimônio do santo ao qual a Igreja seria consagrada. Esta doação só era possível se preenchesse

alguns requisitos, como um valor mínimo para as terras de duzentos mil réis. José Mateus dos reis, dono da maior parte da Fazenda das Palmeiras, fez a primeira doação de terras no valor de quarenta mil réis, desde que no terreno fosse levantada uma capela em louvor a São Sebastião das Palmeiras.

Nesse sentido, a vida religiosa começa a ser estruturada depois da criação da Paróquia de São Sebastião do Ribeirão Preto, em 16 de julho de 1870. A condição de paróquia, portanto, “permitiu usufruir direitos honras de uma igreja paroquial, com seus livros de batismo, matrimônio e óbitos, bem como a organização de capelas paroquiais”. (FREITAS, 2006: 159)

No final do século XIX, o catolicismo ainda prevalecia na maioria da população, sendo natural que a presença do padre na comunidade representasse um elo de apoio e ligação com a comunidade. O terceiro vigário da matriz, o Cônego Joaquim Antônio de Siqueira, preparou a partir de 1900, junto com a comunidade, a construção da nova matriz que viria a ser a catedral de Ribeirão Preto. (FREITAS, 2006: 160)

A escolha de Ribeirão Preto para a construção da Igreja matriz foi possível em função de seu crescimento econômico, provocado pela dinâmica da cultura cafeeira, mostrando que a modernidade se enraizava por aqui. Era o local propício para abrigar a nova diocese, visto que “os elementos próprios que o cardeal alega tocam no ponto forte que levou a cidade de Ribeirão Preto ser a escolhida: o crescimento econômico. Na primeira década do século XX, quando o bispado foi criado, a cidade destacava-se no cenário nacional como a capital do café; de Ribeirão Preto saía a maior produção cafeeira do Brasil”. (FREITAS, 2006: 160)

O tecido urbano se expandia para além do núcleo urbano original, e o “quadrilátero central” passou a constituir a área nobre, onde famílias de fazendeiros e comerciantes, enriquecidos pela dinâmica da cultura cafeeira, instalavam suas residências.

Estávamos na chamada Republica Velha, e os grandes “coronéis” e “barões do café” dominavam o cenário político do país. Ribeirão Preto e as cidades vizinhas estavam inseridas nesse contexto. Nas primeiras décadas do século XX, o poder na região manteve-se solidamente nas mãos do chefe político local, Coronel Joaquim da Cunha Diniz Junqueira [...] Era ele quem dominava o cenário político no início do século XX, apesar dos esforços de seu oponente, Francisco Schmidt. Significamente ambos fizeram parte da comissão organizadora para a construção da matriz, em agosto de 1900. Nesta Francisco Schmidt foi o presidente e Quinzinho Junqueira, membro da mesa. (Freitas, 2006: 161)

O bispo indicado para assumir a nova diocese de Ribeirão Preto foi Dom Alberto José Gonçalves, tomando posse no dia 28 de fevereiro de 1909, mantenedor de uma grande atuação política, social e religiosa. Ao tomar posse enfrentou vários problemas e provocou uma reorganização da vida eclesial e religiosa nas paróquias, incentivou o ensino religioso e o crescimento das Associações Religiosas de Leigos, criou várias paróquias, construiu o prédio do Seminário, enfim, o patrimônio foi organizado, bem como as questões que preocupavam na Igreja, para isso:

Copiando o modelo de outras dioceses, Dom Alberto criou o Boletim Diocesano, informativo que circulava nas paróquias e continha notícias gerais do bispado, cartas pastorais e documentos de Roma, avisos gerais e comunicados para a população. O Boletim Diocesano também serviu para fazer uma propaganda contra os inimigos da Igreja: protestantes e espíritas. (FREITAS, 2006: 147)

Para a historiadora Nainôra Maria Barbosa de Freitas, a criação da diocese e a chegada do bispo em Ribeirão Preto, em 1909, “impulsionaram e movimentaram os fiéis nas cerimônias religiosas da região, aumentou o número de associações laicas e de confrades agremiados, o que resultou em uma participação mais intensa na vida religiosa.” Dom Alberto foi responsável também por abrir a Diocese para Colégios, como o Auxiliadora, Santa Úrsula e Marista. De acordo com a Revista “Brazil Magazine”:

Os esforços consagrados a bem da sua diocese, pelo eminente chefe da Igreja catholica de Ribeirão-Preto, em apenas dous annos de administração, demonstram a larga e benéfica orientação de D. Alberto Gonçalves como um verdadeiro prelado moderno, na acepção da palavra. Encarando o problema religioso, em completo accordo com a evolução dos tempos, a igreja intervem pelo seu grande prestigio em todas as manifestações de actividade e progresso social, fortificando a crença Christã que é a base da família e da sociedade, e a grandesa da patria, para a qual ella collabora com dedicação. [...] Os seus incasaveis esforços em socorrer os pobres de espirito e de corpo, tradusem-se nas obras de educação e caridade, esparsas não só na sede do Bispado, mas em toda a vasta Diocese, e a sua carinhosa dedicação pelos enfermos é comprovada pelo desvelo e amor com o qual assiste e protege, a Santa Casa de Misericordia, que é objecto de suas constantes visitas e de todos os seus cuidados e atenções. A organização religiosa sob o seu impulso desenvolve-se nas congregações educadoras, estabelecidas na diocese com um espirito exclusivamente instructivo e tambem sob o seu alto patronato a edificação dos templos, e a criação necessaria de capellas facilitando o exercicio do culto [...]. (BOTELHO, 1911: 40)

A nova burguesia verificou que a pequena Igreja Matriz não condizia com a importância que a cidade exercia na região.

Acompanhando o progresso da sua capital diocesana, D. Alberto envida todos os esforços para a breve terminação das obras da grandiosa Cathedral, que será dentro de poucos meses um admiravel e bello monumento da civilisação christã, e um padrão immorredouro da philantropia particular desse maravilhoso paiz do cafe. (BOTELHO, 1911: 41)

Em 1904, a velha matriz é demolida, para então ser construída a Catedral Metropolitana em um ponto mais alto, juntamente com o Palácio Episcopal.

Elle levanta-se em uma das mais belas praças da cidade, dominando as construcções que a rodeiam, pela imponencia da sua architectura gothico medieval. Pelas largas arcadas da sua entrada principal, penetra-se na immensa nave sustentada pelas amplas columnas, onde domina a luz suave dos grandes vitraux, e no extremo opposto do vasto templo, lavrado na finesa artística de preciosos marmores de Carrara [...]. (BOTELHO, 1911: 41)

A criação oficial do bispado de Ribeirão Preto ocorreu em 7 de junho de 1908. O Palácio Episcopal é inaugurado em 1911 e, seis anos depois, Ribeirão Preto recebe a nova Catedral.

Um dos problemas enfrentados pela Igreja foi o pouco conhecimento que os fiéis possuíam acerca do catolicismo, principalmente entre as camadas populares. Desta forma, as festas religiosas realizadas ao longo do ano litúrgico, serviram para aumentar o prestígio da Igreja perante a sociedade local, e também para levar a palavra de Deus para estas pessoas.

Em 1940, Dom Alberto recebeu um Bispo Auxiliar, na pessoa do jovem Dom Manoel da Silveira D'Elboux. Esse foi nomeado pelo Papa Pio XII para Bispo Auxiliar de dom Alberto José Gonçalves no dia 10 de janeiro de 1940, e chegou a Ribeirão Preto no dia 17 de abril do mesmo ano.

Após a morte de Dom Alberto, Dom Manoel foi nomeado seu sucessor em 1945 - continuando e aprimorando o trabalho iniciado pelo Bispo anterior. Ele, em pouco tempo (ficou apenas quatro anos), realizou muitas coisas: fundou o Círculo dos Trabalhadores Cristãos, o Centro do Professorado Católico, a Liga das Senhoras Católicas; adquiriu para a Diocese o “Diário de Notícias”, jornal diário católico. Adquiriu em 1947 para a Diocese uma área na Vila Virgínia, para futura construção do Seminário diocesano (hoje “Conjunto habitacional Dom D'Elboux”). Incentivou a Ação Católica e as Associações Religiosas de Leigos, principalmente as Congregações Marianas de Jovens, e a Cruzada Eucarística.

O fator mais interessante é que a Igreja fazia questão que os membros das Associações se destacassem – nas procissões e festividades - diante do restante da

população, que não fazia parte das agremiações. Isso se dava através da vestimenta, dos símbolos como fitas e medalhas, bem como o local ocupado nas procissões e nos templos, junto aos estandartes de cada associação, e muitas vezes carregando o andor do santo padroeiro. O historiador Humberto Perinelli Neto salienta que: “Padres e religiosos ganhavam a rua, claro sinal da importância adquirida por esse espaço público, porém, agiam dessa forma na tentativa de subvertê-lo, torná-lo extensão daquilo que se pretendia fazer crer e praticar dentro do templo”. (PERINELLI NETO, 2006: 366)

Jorge Luis de França afirma que “a população de Ribeirão Preto vivia sobre a tutela do universo Católico”. Tal mentalidade estaria presente durante anos nas “atitudes cotidianas que eram observadas e realizadas através das tradições e/ou costumes locais, religiosos e/ou sociais”, como podemos observar na notícia “*Receita para Cazar*”, veiculada no jornal “O Diário da Manhã” de novembro de 1901:

Toda a moça que quizer cazar-se deve lembrar-se, durante tres mezes, ás 5 e meia da manhã, dirigir se ao quintal, oilhar o céu e rezear tres vezes a seguinte razão:
<. S Gonçalo de Amarante, S. Gonçalo brincalhão,
Já não posso estar solteira, Cazai me por compaixão! D
Expitimentem e verão.> (FRANÇA, 2006: 55-56)

Ao observarmos estas palavras, percebemos que o “apelo” ao santo casamenteiro demonstra o predomínio da fé, já que é discurso dirigido para as moças solteiras, que provavelmente têm o costume de ler tal coluna do Jornal. Conclui-se, portanto, que existia uma cultura tradicional ligada à religião católica, sendo assim:

[...] quaisquer modificações e/ou profanações seriam repudiadas e marginalizadas. Observando o universo feminino por meio da ótica religiosa podemos concluir através do seu discurso e dos diversos agentes normatizadores que, durante a Belle Époque do café não teve uma total aceitação dos diferentes gêneros e manifestações do uso do corpo. (FRANÇA, 2006: 67)

As escolas religiosas instaladas na cidade tiveram um papel fundamental no sentido de “educar” as moças de família através do ensino religioso, realizado por freiras. Para Cardoso, “ganha cores a participação feminina na história da localidade. Estas mulheres se envolviam com os projetos da Igreja, vestiam-se como professoras e educadoras, ou seja, civilizadoras dos próximos cidadãos da futura Ribeirão Preto”. (MELLO, 2009: 127)

O Jornal A Cidade publicou uma matéria que convidava os pais a escolherem o Colégio Santa Úrsula como educação ideal para os filhos utilizando da seguinte propaganda:

**COLLEGIO SANTA URSULA: PARA EDUCAÇÃO CATHOLICA E
INSTRUÇÃO DAS MENINAS**

Ensino se faz em Portuguez, Linguas - Francez, inglez, italiano, desenho, pintura, pyrogravura, solfejo, piano, violino, bandolin.

Trabalhos manuaes e costura, bordado a branco e a cores, cortes de vestidos, Flores artificiaes.

JARDIM DA INFANCIA

Recebemos meninos e meninas desde 4 annos

Cursos para meninos dos 6 aos 12 annos. . (MELLO, 2009: 127)

Estes eram os meios – associações e educação religiosa – que a Igreja tinha para orientar e direcionar seus fiéis, e ao mesmo tempo controlar a vida dos mesmos - principalmente as mulheres - para que tivessem uma moral condizente com a proposta católica. Michelle Perrot, ao falar da educação das mulheres afirma que

É preciso, pois, educar as meninas, e não exatamente instruí-las. Ou instruí-las apenas no que é necessário para torná-las agradáveis e úteis: um saber social, em suma. Formá-las para seus papéis futuros de mulher, de dona-de-casa, de esposa e mãe. Inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício... que tecem a coroa das virtudes femininas. (PERROT, 2007: 93)

Tudo o que a associação realizava por meio de seus leigos agremiados passava pelos olhares da Prima Primária de Roma, que representava a sujeição incondicional do laicato à Sé Apostólica, fundamento de a toda hierarquia eclesiástica.

Das associações devotas de Maria, os fiéis deveriam ter por objetivo o amor à Nossa Senhora, fazer valer a disciplina e uma ampla participação dos leigos sobre a obediência aos padres, de modo que ao se filiarem, passavam a seguir regras de conduta por meio de manuais específicos de cada associação [...].

Portanto, não se admitia nas confrarias ou irmandades religiosas, pessoas de maus costumes, suspeitas de heresia, aqueles que viviam ilicitamente unidos somente no civil ou ainda, quem freqüentasse seitas ou sociedades reprovadas pela Igreja. (SILVA, 2007: 36-38)

Neste contexto, a criação das associações religiosas tinha como objetivo principal realizar trabalhos de assistência religiosa e social, combater os comportamentos não condizentes com a esfera religiosa. Nainôra Barbosa de Freitas afirma que o historiador Ivan Manoel ao estudar mulher e educação, acredita que:

As mulheres formavam um grupo de adesão, e aquelas que freqüentavam as escolas católicas tinham maiores possibilidades de estar integradas no esquema que, acima de tudo, exigia da moça-esposa, um rígido comportamento moral e social difundindo na família e na sociedade os valores do catolicismo conservador. Dentro da casa, a mulher exercia seu papel de promotora dos valores católicos a serem transmitidos para sua família .(MANOEL, 1996: 167)

Em uma das reuniões da Associação do Rosário Perpétuo- realizada em 3 de julho de 1932 - o Cônego Assis Barros, que presidia o evento, além de discutir a importância da reza do terço e da comunhão, cita uma frase que ouviu de um orador chamado Antônio Prado:

A alegria da casa está na mulher e a tranquilidade do marido está na cozinha. A boa dona de casa prepara cada dia um prato mais saboroso do que o outro e o marido ao chegar da rua, cansado, aborrecido, alegre-se vendo as boas iguarias e põe de lado o seu mau humor. “Devemos fazer a nossa cozinha, piedosa, com cuidado e melhorá-la cada vez mais”. (**LIVRO ATA** da Associação do Rosário Perpétuo da Catedral de Ribeirão Preto (1932-1951). Armário n.03 das Associações Religiosas, p.2)

O carnaval era uma das festividades que mais preocupava o clero, os fiéis eram proibidos de freqüentarem as comemorações, principalmente os agremiados das associações laicas. A historiadora Nainôra Maria Barbosa de Freitas salienta bem esse problema quando aponta que nas atas das associações constam expulsões dos membros e, em algumas, “os padres, como diretores espirituais, descreveram a sua tristeza por saberem das moças e moços que não se comportaram como acreditavam que deveriam agir os bons cristãos” (FREITAS, 2006: 177). Uma opção oferecida aos agremiados das associações eram os retiros carnavalescos, como podemos notar nas atas a seguir de 05 de fevereiro de 1932 e 05 de janeiro de 1941, respectivamente:

“O Padre convida as chefes para um retiro espiritual nos três dias de carnaval, esperando o comparecimento de todas [...]” (**LIVRO ATA** da Associação do Rosário Perpétuo da Catedral de Ribeirão Preto 1932-1951. Armário n.03 das Associações Religiosas, p.38 v.)

“Para o retiro do carnaval foi confirmada a presença de um Padre Dominicano de Uberaba. O padre disse que é muito importante para as chefes participar deste retiro; pois o Carnaval é a época em que a humanidade mais ofende a Deus. Disse também que a finalidade de um retiro é a santificação das almas. Foram organizadas listas para uma maior participação das chefes no retiro e também para a gratificação do Dominicano.” (**LIVRO ATA** da Associação do Rosário Perpétuo da Catedral de Ribeirão Preto 1932-1951. Armário n.03 das Associações Religiosas, p.51 v-52).

Segundo Nainôra Maria Barbosa de Freitas, os retiros terminavam na matriz, e os participantes, para manifestar a glória de Cristo, desfilavam pelas ruas cantando louvores até chegar ao templo, contrapondo com os costumes modernos.

Seguindo o modelo pregado pela hierarquia da Igreja, afastando-se dos prazeres mundanos do carnaval, dedicando-se às coisas de Deus, com a promessa da salvação eterna, esses desfiles faziam um contraponto com a crescente urbanização e a introdução de novos costumes da modernidade. Uma modernidade que saía do recôndito mais íntimo de seio das famílias,

para agregar outros valores mundanos para os quais a Igreja perdia espaço. (FREITAS, 2006:177)

Nesse sentido, a Igreja se pronunciava frente às novas idéias advindas da modernidade, que agora permeavam o imaginário da sociedade e representavam uma afronta à religião católica. Um dos temas mais debatidos dizia respeito às vestimentas das mulheres usadas nos cultos. Chegavam orientações do Vaticano pedindo aos bispos e padres que atentassem para essa questão, impedindo o uso de roupas transparentes, sem mangas, decotadas ou indecorosas, que atentassem ao pudor, sob pena de expulsão do templo, das associações leigas e de recusa na aceitação de serem madrinhas de batismo, dentre outras privações. “A Igreja recomendava que os bispos e padres usassem as festas da Virgem Maria para incentivar bom exemplo e coibir os abusos”.

A Virgem representava o exemplo da pureza, mansidão e retidão que as mulheres de todas as idades deveriam seguir [...] A Sagrada Congregação do Concílio, no Vaticano, exigia que fossem enviados relatórios sobre as condições na maneira de trajar, sobre o lazer e outras atividades na comunidade e as medidas que foram tomadas atendendo às recomendações. Os relatórios serviam para garantir, que os padres estavam cumprindo as resoluções emanadas dos órgãos superiores da Igreja e que os fiéis cumpriam as ordens dos padres [...] Os fiéis, agremiados nas associações, eram convocados, e não apenas convidados, para combater os costumes estranhos, a moral e aos valores da doutrina cristã. (FREITAS, 2006: 180)

Dessa forma, a Igreja fazia recomendações específicas aos membros das associações, que diziam respeito ao cotidiano dos fiéis e de como esses deveriam se portar, em especial as mulheres. Como podemos notar na Carta Circular expedida pela Igreja Romana em 14 de março de 1930:

“Os excessos da Moda Feminina e as preocupações das autoridades Eclesiásticas”. Roma. 14.

Desde ha muito tempo as altas autoridades do Vaticano mostram-se seriamente preocupadas com as noticias que recebem dos representantes da Santa Sé no exterior sobre o excesso dos modelos de vestidos que usam as senhoras, exageradamente curtos, sem mangas e decotados, somente para satisfazerem as exigencias da moda atual que impõe à mocidade feminina uma indumentária condemnada pelo clero por considerá-la contrária aos principios da moralidade.

Em diversas occasioes alguns prelados recomendaram do pulpito a devida moderação no vestir, induzindo-as a conservar o recato e a modestia que são as mais estimadas virtudes da mulher. A fim de impedir o uso dos vestidos curtos, numerosos Vigarios proibiram a entrada em seus templos a senhoras que não iam convenientemente trajadas.

O próprio Papa Pio XI, occupou-se do assunto dando instrucões muito severas a respeito ao clero universal.

A campanha pela moralidade desenvolveu-se rapidamente em diversos países do mundo, mas os resultados até agora obtidos são pouco compensadores.

Na Itália, o governo fascista tomou em suas mãos a questão, fallando a esse respeito o chefe do ministério, Sr. Mussolini que com muito interesse aconselhou a adopção pelas mulheres italianas de roupas perfeitamente compatíveis com a decencia feminina.

Criou-se uma liga sob a presidencia de honra e os auspícios da Rainha Helena, cujo objetivo é combater na Itália os vestidos e os costumes indecorosos.

Agora, é a S. Congregação do Consilio que após ponderadas deliberações resolveu abrir uma campanha universal contra a accentuada falta de pudor. Para isso a Congregação enviou uma circular a todos os Bispos do mundo, dando-lhes instrucções no sentido de que transmitam as ordens da Santa Sé aos vigários das respectivas dioceses, aos chefes de famílias, aos directores dos estabelecimentos de educação e aos presidentes de todas as instituições sociaes e religiosas, sobre a necessária modificação dos estylos de roupas femininas.

A acção da Congregação prohiibe ao clero dar a comunhão às senhoras que não se apresentarem discretamente vestidas, acceital-as como madrinhas de baptismo e na confirmação, sendo até expulsas dos templos em caso necessario.

As disposições da circular devem ser executadas especialmente em grandes festividades religiosas particularmente nas Commemorações da Immaculada Conceição.

A circular recommenda às autoridades diocesanas discutir pelo menos uma vez por anno o meio de induzir às senhoras a usar vestidos de accordo com o espirito christão.[†]

Os conteúdos das cartas também eram debatidos em reunião – e registrado nas atas - para chegarem a um consenso de como orientariam às pessoas a respeito das novas formas de agir, um exemplo disso pode ser conferido na ata de 2 de setembro de 1934:

O Cônego Dr. Assis de Barros avisou-as para que respondam mais alto as orações; não saiam antes de terminar a cerimônia; falar com os pais das moças que costumam ir à Igreja com trajés pouco convenientes [...]. (LIVRO ATA da Associação do Rosário Perpétuo da Catedral de Ribeirão Preto (1932-1951). Armário n.03 das Associações Religiosas, p 15 e 15 v)

De acordo com o apóstolo Paulo na primeira Epístola aos Coríntios (11, 5-10), nas assembléias, os homens devem se descobrir e as mulheres se cobrirem:

Toda mulher que ora ou profetiza, não tendo a cabeça coberta, falta ao respeito ao seu senhor, porque é como se estivesse rapada. Se uma mulher não se cobre com um véu, então corte o cabelo. Ora, se é vergonhoso para a mulher ter os cabelos cortados ou a cabeça rapada, então que se cubra com um véu. (PERROT, 2007: 56)

[†] Boletim Diocesano do Ribeirão Preto, número 3. Ribeirão Preto, março de 1930.

FIGURA 1. Moças usando véu, provavelmente pertencentes à alguma associação religiosa. Encontram-se em frente à Catedral Metropolitana de Ribeirão Preto na presença de um religioso, s/d.



Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto (APHRP)

As palavras de Michelle Perrot vêm de encontro com o assunto abordado anteriormente:

Porque a mulher foi criada para o homem, “a mulher deve trazer o sinal da submissão sobre sua cabeça, por causa dos anjos”. As mulheres devem calar-se nas assembléias. Usar o véu ao profetizarem. Usar o véu como sinal de dependência: “a mulher deve trazer sobre sua cabeça o sinal da autoridade”.

*Depois de Paulo, os Pais da Igreja acrescentam exigências. Tertuliano, de sua parte, dedica dois tratados ao que se tornou uma preocupação maior da cristandade nascente: *Le Voile des Vierges* e *La Toilette des femmes*. [...]*

Assim, o véu reveste-se de significações múltiplas, religiosas e civis, para com Deus, e para com o homem, se representante. Ele é sinal de dependência, de pudor, de honra. (PERROT, 2007:57)

Perrot salienta ainda que “a questão do véu foi um ponto central nas discussões do Concílio Vaticano II, entre os clérigos e as religiosas, que pediam para tornar mais leves suas roupas, tão pouco compatíveis com as exigências da vida moderna. Fiéis aos Pais da Igreja, os clérigos, eles próprios dispostos a se laicizar, resistiram e mantiveram a obrigação do véu, simplificando-o, no entanto”. (PERROT, 2007: 57)

No entanto, cinco meses após a expedição da primeira carta do Vaticano - a respeito das formas de trajar das mulheres – uma outra Carta Circular foi enviada, buscando a repressão da imodéstia, abordando outra vez a questão da vestimenta feminina, e também orientavam os pais de família sobre a educação de suas filhas:

“A Repressão da Immodestia”. A todos os Ordinários Diocesanos: sobre a moda deshonesto no traje feminino.

“Em virtude do supremo apostolado que, por divina autoridade, exerce na Igreja, o SS. Senhor nosso e papa Pio XI não tem cessado de inculcar o que

diz S. Paulo, a saber: <Quero... as mulheres num traje decoroso, ataviando-se com pudor e modéstia, e... do modo que convem á mulher que professa piedade, com boas obras> (II Tim., 2,9 e 10).

Frequentes vezes tambem, dado o ensejo, o mesmo Summo Pontífice tem reprovado e condemnado com vehemencia a maneira deshonesta de trajar, a cada passo adoptado mesmo entre mulheres e donzellas catholicas, a qual não só lesa gravemente o decoro e ornato feminino, sino tambem importa em funesta ruína temporal e, o que é peor, eterna, e bem assim na dos outros.

Não admira, pois, si os Bispos e outros Ordinarios locaes, segundo compete a ministros de Christo, por todos os modos e sem discrepancia, dessem combate cada qual na sua diocese, a tão depravada licenciosidade e impudencia, arrostando serena e corajosamente as críticas e os escarneos de que, não raro, eram por este motivo objecto da parte de gente malevola.

Pelo que esta Sagr. Congregação, incumbida de promover a disciplina do clero e do povo, ao passo que tributa a merecida approvação e elogio a mencionada vigilancia e acção dos sagrados Antístites, tambem os exhorta para que insistam e com redobrado vigor prosigam nos propositos e nas medidas tomadas, até que o pestífero mal fique radicalmente extirpado no seio da sociedade honesta. No intuito de que isto se execute mais facil e seguramente, esta Sagr. Congregação, por ordem de S. Santidade, resolveu estabelecer, a proposito, o que segue:

1. Principalmente os parochos, em todas as occasiões, de conformidade com as palavras de S. Paulo, (II Tim, 4, 2) insistam, reprehendam, roguem e admoestem as mulheres, para que usem vestes que traduzam pudor e constituam ornamento e defeza da virtude, e exhortem os paes de família para que não deixem suas filhas trajar de modo inconveniente.

2. Os paes lembrando da obrigação gravíssima que lhes incumbe de providenciarem, antes de tudo, pela educação religiosa e moral da prole, empreguem peculiar deligencia para que, desde os mais tenros annos, as meninas sejam solidamente instruídas na doutrina Christã e, tanto pela palavra como pelo exemplo, lhes inculquem o amor às virtudes da modestia, e da castidade; a exemplo, porém, da Sagr. Família, de tal forma que todos os seus membros, dentro do recinto do lar, tenham motivos e incentivos de estimarem e observarem o decoro.

3. Os paes de família ainda afastem as filhas dos exercícios e dos concursos de gymnastica; si, porém, as filhas tiverem de tomar parte nos mesmos, cuidem para que usem vestes que plenamente os reclamam da decencia; nunca, porém, permitam que trajem de maneira inconveniente [...].” (Boletim Diocesano do Ribeirão Preto. Anno I, número 8. Ribeirão Preto, agosto de 1930).

Ao estudar a moda feminina percebemos que na maioria das vezes, a escolha da roupa era destinada ao seu uso em um espaço público. A natureza do espaço público influenciava a maneira como as pessoas usavam suas roupas, ora expressando suas identidades, ora fazendo declarações subversivas. No entanto, em alguns lugares as pessoas deviam apresentar-se e comportar-se de acordo com regras “pré-estabelecidas”, como era o caso das Igrejas: “os exercícios físicos, os cuidados com a vestimenta, entretenimento como festas e bailes, a literatura, eram controlados pela Igreja como

sinal de regulamentação de conduta, com práticas prescritas para o cristão na sociedade”. (FREITAS, 2006: 181)

A Igreja se utilizou de vários meios para combater a modernidade um dos mais constantes eram os comunicados do papa que buscavam alertar a população a respeito dos malefícios do mundo moderno – na visão católica. A Encíclica do papa Pio XI, *Mens Nostra*, escrita com a finalidade de “promover e fomentar a prática dos exercícios espirituais, apontava que os grandes males da sociedade eram a falta de reflexão - a modernidade trouxe a velocidade, a rapidez em diversos setores -, a frivolidade contínua e febril, o amor à riqueza e aos prazeres, que debilitavam o coração e afastavam os homens das verdades eternas”.(FREITAS, 2006: 181)

Referências bibliográficas

1. Fontes

LIVRO ATA da Associação do Rosário Perpétuo da Catedral de Ribeirão Preto 1932-1951. Armário n.03 das Associações Religiosas. Arquivo da Catedral de Ribeirão Preto.

BOLETIM DIOCESANO do Ribeirão Preto. 1930 a 1934. Anno I, número 3. Ribeirão Preto, março de 1931. Os excessos da Moda Feminina e as preocupações das autoridades Eclesiásticas. Cx. 62. APHRP.

BOLETIM DIOCESANO do Ribeirão Preto 1939 a 1934. Anno I, número 8. Ribeirão Preto, agosto de 1930. A repressão da Immodestia. A todos os Ordinários Diocesanos: Sobre a moda deshonesta no traje feminino. Cx. 62. APHRP.

A CIDADE – 1910, 1914, 2006.

2. Livros

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BOTELHO JR, Martinho. **Brazil Magazine**: Revista Ilustrada d’Arte e Actualidades. Rio de Janeiro: s. ed., v. 57, 1911.

BURKE, Peter. (org). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CRANE, Diane. **A moda e seu papel social**: classe, gênero e identidade; trad. Cristiana Coimbra. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

FRAISSE, Geneviève; Perrot, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**. São Paulo: EBRADIL, 1991.

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem & modas de mulher**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1997.

LURIE, Alisson. **A linguagem das roupas**; tradução de Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MANOEL, Ivan Aparecido. **O pêndulo da história**: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960). Maringá: Eduem, 2004.

PRIORI, Mary Del. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

3. Capítulos de livros:

FREITAS, Naninora Maria Barbosa. **A Igreja Católica em Ribeirão Preto na primeira metade do século XX**. In: Manoel, Ivan Aparecido; FREITAS, Nainora Maria Barbosa (org.). História das religiões. Desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos. São Paulo: Paulinas, 2006.

PERROT, M. **Os silêncios do corpo da mulher**. In: MATOS, M. I. S.; SOIHET, R. (org.). O corpo feminino em debate. São Paulo. Editora UNESP, 2003.

4. Teses, dissertações e monografias:

FRANÇA, J. L. **Meretrizes na Belle Époque do café**: cabaré e sociedade (1890-1920). Ribeirão Preto, 2006. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História), CEUBM.

MELLO, R.C. **Um “coronel de saias” no interior paulista**: a “rainha do café” em Ribeirão Preto (1896-1920). Dissertação de Mestrado em História. FHDSS, UNESP, Franca, 2009.

MICHETTI, M. A lógica social da moda: apontamentos de uma teoria crítica da cultura de consumo. 2006. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Faculdade de Ciências e Letras, UNESP. Araraquara, 2006.

PERINELLI NETO, H. Nos quintais do Brasil: homens, pecuária, complexo cafeeiro e modernidade – Barretos (1854-1931). Tese de Doutorado em História. FHDSS, UNESP, Franca, 2009.

SILVA, M. A. As associações religiosas laicas na primeira metade do século XX: as Filhas de Maria e o Rosário do Perpétuo. Ribeirão Preto, 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (licenciatura em história), CEUBM.

VAZ, M. L. A. As Mulheres da elite cafeeira e São Paulo – conciliação e resistência – 1889-1930. Dissertação de Mestrado em História Social. Universidade de São Paulo, 1995.